



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS E LITERATURAS  
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**KALLINY BEZERRA DE OLIVEIRA**

**LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA  
DO CONTO DE AUTORIA FEMININA A PARTIR DA SEQUÊNCIA BÁSICA**

**GUARABIRA-PB  
2022**

KALLINY BEZERRA DE OLIVEIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA  
DO CONTO DE AUTORIA FEMININA A PARTIR DA SEQUÊNCIA BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Especialista em Ensino de Línguas e  
Literatura.

**Orientadora:** Prof. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA-PB  
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O258l Oliveira, Kalliny Bezerra de.  
Letramento literário na sala de aula: [manuscrito] : uma proposta de leitura do conto de autoria feminina a partir da sequência básica / Kalliny Bezerra de Oliveira. - 2022.  
41 p.  
  
Digitado.  
Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
  
1. Letramento Literário. 2. Conto de autoria feminina. 3. Sala de aula. 4. Sequência Básica. I. Título  
  
21. ed. CDD 374

KALLINY BEZERRA DE OLIVEIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA  
DO CONTO DE AUTORIA FEMININA A PARTIR DA SEQUÊNCIA BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Especialista em Ensino de Línguas e  
Literatura.

Aprovada em: 26/10/2022.

**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Francis Willams Brito da Conceição  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Profª. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

À minha mãe, Maria Bezerra, pelo apoio,  
paciência e por me acalantar em seu amor.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me mostrar que está sempre comigo, me sustentar, me dar sabedoria e por me conceder esta oportunidade.

À minha amada mãe, Maria Bezerra da Costa, pelo amor, cuidado e pela compreensão em todos os momentos.

À minha família, que me deu apoio e incentivo.

À minha querida orientadora, Profa. Rosângela Neres, pelos conhecimentos compartilhados, leituras e por depositar confiança e acreditar no meu trabalho.

À banca examinadora, Danielle Mendes e Francis Willams, por participarem da banca e pela leitura do meu trabalho que foi realizada com tanto esmero.

À minha amiga, Leycionne Bezerra, por me motivar, ajudar e estar sempre me mostrando sabedoria em todos os momentos da vida.

À minha amiga, Clarice Dantas, por torcer pelas minhas conquistas, por me ajudar e por apontar possibilidades e oportunidades no meu caminho.

A todos/as professores/as que fizeram parte deste meu percurso e contribuíram na minha formação.

A todos/as colegas de turma, pelas experiências compartilhadas e pelo incentivo.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Leitura literária e documentos da educação .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>O conto em abordagem e estratégia de leitura .....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>O CONTO EM SALA DE AULA: LEITURA E PROPOSTA CRÍTICA ....</b>	<b>24</b>
<b>4.1</b>	<b>A narrativa de autoria feminina .....</b>	<b>27</b>
<b>4.2</b>	<b>Sequência básica para o 9º ano do ensino fundamental .....</b>	<b>29</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
	<b>ANEXO A- UMA ESPERANÇA, DE CLARICE LISPECTOR.....</b>	<b>38</b>
	<b>ANEXO B- ENTRE A ESPADA E A ROSA, DE MARINA COLASANTI..</b>	<b>39</b>
	<b>ANEXO C- A MENINA E A GRAVATA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO....</b>	<b>41</b>

## **LETRAMENTO LITERÁRIO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DO CONTO DE AUTORIA FEMININA A PARTIR DA SEQUÊNCIA BÁSICA**

### **LITERARY LITERACY IN THE CLASSROOM: A PROPOSAL FOR READING A FEMALE AUTHOR TALE FROM THE BASIC SEQUENCE**

#### **RESUMO**

O processo de ensino/aprendizagem na atualidade busca contribuir em diversas áreas da vida do estudante, e não apenas no percurso estudantil, mas também, na formação como cidadão que atuará na sociedade, portanto, um dos objetivos do letramento literário é auxiliar o aluno no desenvolvimento de suas habilidades de leitura, e viabilizar um melhor desempenho de sua consciência crítica. Dessa maneira, elaboramos uma proposta de intervenção, através da sequência básica, para abordagem dos contos “Uma Esperança”, de Clarice Lispector; “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti e “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo no 9º ano do Ensino Fundamental. Nesse sentido, essa pesquisa, de natureza qualitativa, interpretativa e bibliográfica, tem como objetivo geral investigar como a prática de letramento literário pode contribuir na formação de leitores, bem como perceber a importância desse processo. Para tanto, embasamos o trabalho nos documentos oficiais (1998;2018), nos estudos de Cosson e Souza (2011), Candido (2011), Gregorin Filho (2011), Dalvi (2013), Cosson (2014), Lajolo (2018), dentre outros teóricos. A proposta com o gênero conto se justifica pela estrutura, linguagem literária e temática atual e propícia à recepção do jovem leitor, possibilitando a imaginação, criticidade e reflexão. Constatamos que a abordagem da proposta de intervenção com os contos de autoria de feminina apresenta pontos positivos, a citar, o aluno passa a conhecer textos literários de autoria feminina e o gênero textual conto, desenvolve as habilidades de leitura e escrita, reflete acerca da questão do feminino na sociedade, tornando, portanto, o aluno crítico, reflexivo e sensibilizado através da leitura. Algumas dificuldades também podem ser encontradas ao desenvolver essa proposta, a exemplo de, os alunos sentirem dificuldades na compreensão de alguns termos e expressões presentes nos contos, como também é possível ter aluno que pense que trabalhar questões do feminino seja menos importantes, tornando isso um desafio para o docente, pois ele precisará mostrar para o estudante que se trata de assuntos importantes para a sociedade.

**Palavras-chave:** Letramento Literário. Conto de autoria feminina. Sala de aula. Sequência Básica.

#### **ABSTRACT**

The teaching/learning process nowadays seeks to contribute in several areas of the student's life, and not only in the student's path, but also in the formation as a citizen who it will act in society, therefore, one of the objectives of literary literacy is to help the student in the development of their reading skills, and enable a better performance of their critical awareness. In this way, we had elaborated an intervention proposal, through the basic sequence, to approach the tales “Uma Esperança”, by Clarice Lispector; “Entre a espada e a rosa”, by Marina Colasanti and “A menina e a gravata”, by Conceição Evaristo in the 9th grade of Elementary School. In this sense, this qualitative, interpretive and bibliographical

research has as its general objective to investigate how the practice of literary literacy can contribute to the formation of readers, as well as to perceive the importance of this process. To this end, we base the work on official documents (1998; 2018), on studies by Cosson and Souza (2011), Candido (2011), Gregorin Filho (2011), Dalvi (2013), Cosson (2014), Lajolo (2018) , among other theorists. The proposal with the tale genre is justified by the structure, literary language and current theme and favorable to the reception of the young reader, allowing imagination, criticality and reflection. We had found that the approach of the intervention proposal with the tale written by females has positive points, to mention, the student gets to know literary texts by female authors and the textual genre short tales, develops reading and writing skills, reflects on the issue of the feminine in society, thus making the student critical, reflective and sensitized through reading. Some difficulties can also be found when developing this proposal, for instance, students feel difficulties in understanding some terms and expressions present in the tales, as it is also possible to have students who think that working on feminine issues is less important, making it a challenge for the teacher, as he will need to show the student that these are important issues for society.

**Keywords:** Literary Literacy. Female authored tale. Classroom. Basic Sequence.

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma arte que deve estar presente na sala de aula e o ensino de literatura tem contribuído muito na formação de leitores. No entanto, nem sempre foi dessa forma, visto que ela não era acessível a todos e talvez ainda não seja, assim, a literatura tem sido objeto de estudo para diversos pesquisadores no âmbito das linguagens.

O ensino de literatura, ao longo do tempo, tem passado por modificações significativas, embora os textos literários tenham sido abordados por alguns professores nas aulas de língua portuguesa em algumas escolas através de fragmentos ou somente como pretexto para o emprego da gramática normativa, novas práticas foram desenvolvidas e os textos podem ser utilizados nas aulas a partir de uma perspectiva mais produtiva.

Essa abordagem dos textos voltada aos fragmentos ou à gramática normativa tem mostrado que a leitura é realizada de modo a cumprir o que foi solicitado pelo educador, assim, o aluno lê sem o gosto pela leitura e muito menos sem construir os sentidos do texto, pois a leitura feita dessa maneira não alcança todo o potencial de uma linguagem especial como é a da literatura<sup>1</sup>.

O letramento literário, segundo Rildo Cosson, propõe uma leitura que desenvolve a reflexão, a criticidade, a sensibilidade e amplia o repertório cultural e literário do aluno por meio do diálogo com o texto. Nesse sentido, no Ensino Fundamental, é apresentada a literatura infantil e juvenil ao público alvo de crianças e jovens, buscando a formação de leitores, além de despertar o prazer pela leitura.

A literatura infantil e juvenil se apresenta através dos vários gêneros e temáticas, a exemplo dos poemas, crônicas, romances, contos e novelas. O conto, no Ensino Fundamental, tem demonstrado ser enriquecedor no processo de leitura, escrita, criação do imaginário e criatividade dos alunos. Sendo assim, é importante que o educador seja um agente de transformação e incentivador da leitura, guiando os discentes no decorrer do itinerário estudantil.

Nessa perspectiva, elaboramos uma proposta de intervenção através da sequência básica, de Rildo Cosson, para a leitura dos contos “Uma Esperança”, de Clarice Lispector, “Entre a Espada e a Rosa”, de Marina Colasanti e “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo para o 9º ano do Ensino Fundamental. Visamos no objetivo geral refletir como a

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que há outras concepções e teorias para trabalhar com a literatura, conforme pontua Roberto Acízelo em Teoria da literatura. (Cf. SOUZA, Roberto Acízelo de. Teoria da literatura. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2007. )

prática de letramento literário pode contribuir na formação de leitores, bem como perceber a importância dessa abordagem na sala de aula.

A fim de atingir nossos objetivos, utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, uma vez que ela possibilita um maior diálogo entre os objetivos de trabalho com o conto em sala de aula e as perspectivas de letramento literário. De acordo Goldenberg (2004, p. 17) “a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa”.

Os contos que compõem o *corpus* desta pesquisa fazem parte de movimentos literários do modernismo e da contemporaneidade, cujas temáticas podem ser articuladas com a vivência do leitor, contemplando a narrativa de autoria feminina relativamente escassa em outros movimentos que, durante muito tempo, foi invisibilizada na historiografia literária por fatores que não estavam ligados ao evidente valor estético das obras.

Sendo assim, temos por justificativa desta pesquisa a relevância dos contos de autoria feminina, em sala de aula, com o intuito de apresentar parte dessa produção ao leitor, sua construção e temática, proporcionando a eles esse viés de letramento literário. Através dos estudos a respeito do assunto, podemos perceber que os contos precisam estar inseridos no ensino de literatura, porque possuem temáticas importantes para os alunos, além de despertar gosto pela leitura e auxiliar na compreensão sobre o gênero textual.

Para esta pesquisa, utilizamos os pressupostos teóricos de Cosson (2014-2021), Souza e Cosson (2011), Candido (2011), Coelho (2000), Aguiar (2012), Gregorin Filho (2011), Lajolo (2018), os documentos oficiais (1998-2018), entre outros, para fundamentar a pesquisa.

Organizamos o trabalho em cinco seções, que seguem à seguinte ordem: na primeira seção, apresentamos a introdução sobre a literatura, os objetivos, a justificativa, os pressupostos teóricos utilizados e a metodologia. Na segunda, expomos as abordagens teóricas acerca do letramento literário, leitura, formação de leitor e documentos da educação. Na terceira seção, expomos a metodologia e a natureza da pesquisa.

Na quarta seção, apresentamos uma discussão a respeito do gênero conto, sua abordagem em sala de aula, bem como a importância da narrativa de autoria feminina. Ainda nessa seção, apresentamos os contos “Uma Esperança”, de Clarice Lispector; “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti e “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo, que são o *corpus* desta pesquisa. Expomos, brevemente, uma análise acerca de cada conto e em seguida os procedimentos da proposta didática da sequência básica, no 9º ano do Ensino Fundamental.

Por fim, tecemos as considerações finais sobre a pesquisa e enumeramos as referências utilizadas. Abordaremos acerca da literatura e do letramento literário no capítulo seguinte.

## **2 LETRAMENTO LITERÁRIO EM SALA DE AULA**

O processo de leitura e de escrita tem sido foco de contínuos estudos, pois são processos complexos, bem como essenciais para uma sociedade. Assim, como é sabido, a aquisição desses processos ocorre desde o nascimento, sendo desenvolvidos ao longo da vida através da vivência em sociedade e no âmbito escolar.

A nossa sociedade tem uma cultura grafocêntrica, uma vez que a escrita está ligada às relações sociais, instituições e às formas de comunicação. Desse modo, tanto a escrita quanto a leitura são imprescindíveis para a construção das relações sociais, sobrevivência humana e desenvolvimento humano, como apontam Cosson e Souza (2011, p. 101): “Ler é fundamental em nossa sociedade porque tudo o que somos, fazemos e compartilhamos passa necessariamente pela escrita”.

Assim, o indivíduo precisa ter conhecimento e habilidades com a leitura e a escrita, pois isso concede mais facilidade nas práticas sociais; esse contato com a leitura e escrita pode ocorrer dentro do âmbito familiar que é, comumente, o primeiro local onde se deve ter o início desse processo e, posteriormente, no espaço escolar onde o sujeito é guiado para a construção das habilidades com a escrita e leitura.

Nesse sentido, a instituição escolar, enquanto agência de transformação social possibilita ao aluno adquirir destrezas no ato de ler e escrever, colaborando para o desenvolvimento desses processos através dos diversos gêneros textuais, portanto, enfatizamos o acesso à literatura como ponto primordial e essencial para o aluno enquanto cidadão e leitor.

A Constituição Federal de 88, em seu artigo 6º, dispõe que a Educação é um direito social, logo é direito de todo cidadão o acesso à Educação e conseqüentemente à literatura. Desse modo, o ambiente escolar concede aos estudantes o direito à educação e o valor da literatura para o ser humano. Para Candido:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (CANDIDO, 2011, p.176)

A literatura tem sido imprescindível para o indivíduo, pois ela fomenta o repertório cultural, de leitura, e está diretamente associada à escrita, como salienta Lajolo (2018, p. 40, *grifos da autora*): “A forma latina *litteratura*, por sua vez, deriva-se de outra palavra igualmente latina: *littera*, que significa letra, isto é, sinal que representa, por escrito, um som da fala”. Logo, esse universo das palavras é carregado de histórias, aspectos sociais, culturais e costumes de uma sociedade.

Nesse sentido, Lajolo (2018, p. 41) aponta que “saber ler e escrever, além de fundamental para o exercício de graus mais complexos da cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural”. Assim, a literatura mesmo sendo tão necessária, por diversas vezes, não possui o devido espaço na escola, visto que as aulas destinadas à literatura são poucas, tornando ainda mais difícil o acesso ao texto literário e, conseqüentemente, limitando a formação de leitores.

Por intermédio da literatura, o leitor concebe a criticidade, tornando-se mais humanizado e reflexivo em relação ao seu mundo e ao mundo do outro, compreendendo a sociedade em que faz parte, devido ao poder da literatura. Assim, no âmbito da instituição escolar, o aluno pode ser tocado pela literatura através do ensino. De acordo com Candido:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2011, p. 182, *grifo do autor*).

Sendo assim, a palavra possui muitos sentidos e poder para os indivíduos, desperta emoções e o valor dela, também, é atribuído pelos sujeitos que a dominam a partir da própria realidade, pois, segundo Lajolo (2018, p. 44), “Lendas e histórias que contam o poder mágico de certas palavras revivem o fascínio pela linguagem, a instituição do poder que ela nos confere.”

Em vista disso, o universo da literatura, que carrega tantos significados e histórias, precisa fazer parte da vida dos estudantes, a fim de contribuir para formação plena de cidadãos autônomos, críticos, reflexivos e mais humanos, para tal, não é apenas colocar um texto literário para o aluno realizar a leitura sem direcionamento, mas sim, uma leitura com a mediação do professor durante o percurso.

Um processo de leitura eficiente deve ter como critério um aprofundamento do texto, e não apenas uma leitura superficial em que o aluno decodifica aquilo que está escrito, mas que produza sentido, visto que “ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um

diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores” (COSSON, 2014, p.36).

Assim, a escola recebe a função de incentivar os leitores por meio dos profissionais da educação, além de promover a valorização da leitura e da literatura. Portanto, é preciso buscar uma abordagem de ensino que auxilie na formação dos estudantes que atuarão na sociedade, e ao invés de seguir uma metodologia tradicional, na qual o docente é considerado o detentor do conhecimento e o aluno não tem oportunidade para argumentar, parta de um método de ensino que permita o aluno questionar, refletir e argumentar.

Desse modo, a escola possui a missão de formar leitores através do ensino da literatura, pois não há conhecimento sem a literatura, a partir disso se torna evidente o quanto é crucial que o estudante tenha acesso à literatura também para a expansão dos conhecimentos. Cosson observa que:

Quando a escola falha nesse compartilhamento, no processo de leitura, na função de formar leitores, falha em tudo o mais, pois não há conhecimento sem literatura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação, da leitura, enfim. (COSSON, 2014, p. 36)

A leitura mediada pelo docente deve conduzir o leitor a ir além da decifração dos códigos linguísticos para que os conhecimentos adquiridos sejam utilizados nas práticas cotidianas do aluno. Assim sendo, para Cosson:

ler é desvelar o texto em sua estrutura, tal como se observa na proposta hoje comum nos manuais de literatura de se analisar um texto poético a partir das camadas sonora, lexical e imagística com que é constituído. Ler é analisar o texto. (COSSON, 2014, p. 37-38)

Nesse mesmo sentido, Pinheiro (2018) ressalta a função da poesia a partir do ponto mais clássico, considerando a forma primitiva, baseado em T. S. Eliot e George Thomson e ainda a poesia com função capaz de despertar prazer no leitor. Essas reflexões feitas por Pinheiro acerca da função social da poesia também são pertinentes para os diversos gêneros textuais literários na formação de leitores.

Assim, a leitura e a escrita a partir do letramento literário, de Cosson, é uma prática que busca contribuir na formação de leitores. De acordo com Cosson e Souza (2011, p. 103), o letramento literário “Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os

textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.”

Por vezes, podemos imaginar que a leitura de textos literários a partir da perspectiva do letramento literário se restringe apenas ao emprego dos cânones da literatura, mas também se faz com textos modernos e contemporâneos, como ressalta Cosson (2021, p. 34): “O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade e o interesse de leitura dos alunos”.

Nesse sentido, o interesse dos alunos se desfaz quando os textos literários são abordados de um ponto de vista conteudista com o objetivo apenas de decifrar ou usá-los como pretexto para conteúdos gramaticais, pois essa perspectiva não dá possibilidade ao aluno de desenvolver a criticidade, a reflexão, a sensibilidade e experiências, tendo em vista que de acordo com T. S. Eliot a poesia “amplia nossa consciência e apura nossa sensibilidade” (ELIOT, 1991, p.29). Essa afirmação vale também para os contos que por meio das narrativas toca as emoções do leitor quando ele nota aspectos da realidade presentes no texto, despertando novas experiências. Assim, o aluno, na maioria das vezes, está fazendo uma leitura superficial, decodificando o que o texto traz quando trabalhados do ponto de vista conteudista. Segundo Cosson:

São vários os estudiosos que mostram que o ensino de literatura no ensino fundamental se perde ao servir de pretexto para questões gramaticais, como era comum nos livros didáticos, ou para um hedonismo inconsequente, no qual a leitura vale pela leitura, sem nenhuma orientação. (COSSON, 2014, p. 70)

No ensino de literatura, o docente deve desenvolver estratégias de ensino, de leitura, englobando os diversos gêneros textuais que instiguem os alunos a questionamentos, ao prazer pela leitura, a perceberem os aspectos sociais e da realidade presentes na obra, por outro lado, também se pode trabalhar a leitura literária sem fragmentação através da escrita e análise linguística, bem como aumente o repertório cultural de leitura, por meio dos diversos textos literários com graus de dificuldade variados, consoante Dalvi:

O estudante precisa ser incentivado a ter contato com formas, textos, estéticas mais sofisticadas (o que está longe de querer dizer “mais elitizadas”), que exigirão seu esforço in(ter)ventivo como leitor, sem, contudo, deixar de lado essa compreensão situada na literatura. (DALVI, 2013, p. 74)

Desse modo, na leitura literária, a compreensão das obras devem ser trabalhadas tendo em vista os objetos de leitura, texto, contexto, e intertexto, a fim de perceber além do que está

explícito. De acordo com o teórico Rildo Cosson, esse processo se faz em diálogo do leitor com o autor, e “o ato de ler é mediado por três objetos que são os objetos de leitura: texto, contexto, intertexto” (COSSON, 2014, p. 51).

Em vista disso, o letramento literário em sala de aula se faz crucial, posto que auxiliará o docente no ensino efetivo de literatura, tendo mais produtividade no que concerne à formação de leitores, no processo de ensino/aprendizagem, bem como para que o leitor faça uso dos conhecimentos adquiridos na realidade vivida, pois, assim, ele compreenderá melhor o mundo.

Um ensino de literatura mais produtivo pode ser feito através dessa perspectiva, pois o aluno, ao fazer parte do universo literário da obra, ao dialogar com o texto e procurar interpretá-lo, é inserido em um mundo de informações, aspectos sociais, culturais e palavras que são capazes de transformar e despertar diversas emoções, segundo Cosson e Souza:

O letramento literário enquanto construção literária dos sentidos se faz indagando ao texto quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz. Respostas que só podem ser obtidas quando se examinam os detalhes do texto, configura-se um contexto e se insere a obra em um diálogo com outros tantos textos. (COSSON; SOUZA, 2011, p. 103)

A literatura também coloca o leitor em conflito consigo e com as ideias construídas, segundo Compagnon (2010, p. 36) “A literatura confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura”. Os conflitos de ideias e da bagagem de saberes ocorrem devido às novas informações, desconstrução de conhecimentos e contato com novas culturas e estilística da linguagem que o fazem reconhecer a própria realidade ou não, entre outros aspectos.

O contato com o (des)conhecido incute no leitor sentimentos, transformações, reflexões e humanização reverberados pelo universo das palavras. Assim, há uma construção de novas ideias, até mesmo desconstrução de alguns preconceitos, formando um sujeito com novos conceitos. “Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade.” (CANDIDO, 2011, p. 178).

Para tanto, o docente precisa fazer a seleção dos textos de acordo com a faixa etária dos alunos a fim de despertar o interesse pela leitura e a compreensão da obra, pois o processo de ensino/aprendizagem, enveredando pela leitura literária de cânones, contemporâneos, modernos entre outros, conduzirá os estudantes ao gosto de ler e ainda possibilitará o resgate de leitores que estavam dispersos do universo literário.

Dessa maneira, o repertório de leitura do professor precisa ser abundante, pois quanto maior a bagagem de leitura, mais ele terá possibilidades para a seleção dos textos adequados, pois trabalhar textos de conhecimento do educador leva a resultados positivos, abordando em sala de aula também textos que os estudantes ainda não conhecem para desenvolver o grau de leitura. Segundo Perrone-Moisés:

Oferecer ao aluno apenas aquilo que já consta em seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar seus conhecimentos e privá-lo de um bem que a ele tem direito. Ensinar é elevar progressivamente o nível dos alunos, alargar seus repertórios e aprimorar sua proficiência linguística. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 81).

Assim, a função do professor enquanto mediador desse processo se constitui em apresentar textos cruciais e conduzir o estudante durante a leitura para que ele compreenda os textos e se perceba envolvido por ela, sem usar as obras, livros, apenas para o ensino da gramática normativa, pois isso torna o ato de ler enfadonho, além de não produzir sentidos, experiências e sensibilidades novas para o aluno. No subtópico seguinte, abordaremos a respeito da leitura literária em sala de aula e dos documentos da educação.

## **2.1 Leitura literária e documentos da educação**

Quando se fala em leitura, logo se pensa em decodificação das palavras de um texto. Entretanto, a leitura perpassa essa concepção, pois é um ato que se estabelece em conjunto com aspectos não apenas cognitivos, mas também culturais, sociais e afetivos, portanto, vale ressaltar que a leitura pode colocar o leitor em contato com outras realidades e outros conhecimentos.

A leitura literária em sala de aula precisa ser realizada de forma que o leitor tenha a experiência de ser tocado emocionalmente, sentir gosto pela leitura do texto, assim como desenvolver o pensamento crítico, reflexivo sobre as questões demonstradas no texto e ainda buscar fazer inferências com outras obras, com a realidade e o contexto social.

Em vista disso, o professor é um mediador desse processo em que o leitor percebe a si próprio e o mundo dentro do texto literário, estimulando a imaginação. Segundo aponta Silva:

convém atentar para os elementos próprios da literatura, como a construção dos personagens, a possibilidade de estimular a imaginação por meio da transfiguração da realidade em matéria literária, índices capazes de provocar a curiosidade e a motivação para a leitura por parte de quem ainda não desenvolveu a experiência necessária. (SILVA, 2013, p. 56)

Essa leitura efetiva que também é capaz de colocar o leitor em conflito com os conhecimentos concede repertório cultural, a humanização, a expansão e a aquisição de saberes que vem da arte da literatura. A leitura literária alcança o estudante, em vista disso é fundamental o professor procurar trabalhar com contos ou outras obras literárias nessa perspectiva de leitura, pois, como salienta Rezende (2013), a leitura literária implica uma prática social na qual o leitor se identifica com o texto, bem como implica uma prática escolar que requer fruição e reflexão.

O ensino possui bases e documentos norteadores do itinerário educacional, que auxiliam tanto os docentes quanto à comunidade escolar. Essas bases, documentos e leis apresentam pontos relevantes em todas as disciplinas escolares para o preparo de algumas áreas da vida dos estudantes, de forma a garantir a todos o acesso à educação. Portanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre outros são documentos que servem de apoio aos profissionais da educação e vale salientar que eles perpassam toda a educação básica.

Os documentos como o PCN e a BNCC abordam acerca da leitura, escrita, produção textual, abordagem dos textos literários em sala de aula, reflexão, trabalho com os diversos gêneros textuais em conformidade com o ano escolar e em todas as etapas e níveis da Educação Básica para aprimorar as habilidades com leitura e escrita. Segundo Sarah Ipiranga:

De acordo com o documento, cabe ao professor fazer escolhas entre autores e obras que se adaptem aos projetos que desenvolvam o hábito da leitura, sem deixar de considerar o sentido principal do trabalho com a literatura: a formação de leitores literários fluentes e habilidosos. (IPIRANGA, 2019, p. 110)

Nessa direção, os PCN salientam ainda a abordagem dos gêneros textuais para a escrita e a leitura, pontuando a postura dos alunos em relação à abordagem das diferentes tipologias e gêneros textuais: “Além dos novos conteúdos a serem apresentados, a frequência (sic.) a diferentes textos de diferentes gêneros é essencial para que o aluno construa os diversos conceitos e procedimentos envolvidos na recepção e produção de cada um deles” (BRASIL, 1998, p. 66).

Nesse sentido, o professor deve optar por obras que fomentem o repertório dos alunos. Eles devem ter acesso aos diversos gêneros textuais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio progressivamente, de acordo com a BNCC, prática escolar que resulta, necessariamente, no

fomento “da diversidade dos gêneros textuais escolhidos e das práticas consideradas em cada campo” (BRASIL, 2018, p. 75).

Em vista disso, deve-se introduzir o aluno nas atividades escolares para auxiliar na formação de leitores, escritores em um processo de ensino/aprendizagem efetivo no qual o estudante está envolvido, bem como apresentar os conteúdos de modo que eles possam construir os sentidos a partir do diálogo com o texto, produzindo questionamentos.

O emprego dos contos em sala de aula no Ensino Fundamental também aparece na BNCC, uma vez que o trabalho com eles fomentam a imaginação dos alunos, despertam o gosto pela leitura, sejam contos clássicos, modernos ou contemporâneos com temáticas diversas, os contos são peças relevantes para a aprendizagem, pois também, aprimora as habilidades leitura e de escrita.

Dessa forma, a BNCC apresenta aspectos a serem trabalhados nos anos iniciais e finais, de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, por meio das competências e habilidades de língua portuguesa através do gênero textual conto. A habilidade EF69LP53 no campo artístico-literário da oralidade, segundo a BNCC:

(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc. (BRASIL, 2018, p. 161)

No campo artístico-literário, a habilidade EF89LP35 da BNCC aborda sobre a produção textual dos contos no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental, como também, a habilidade EF89LP33 apresenta a leitura de contos, minicontos nas aulas de língua portuguesa. Assim, notamos que esse documento mostra que tanto a leitura quanto a escrita de contos precisa ser realizada. No subtópico seguinte, expomos a respeito da abordagem e leitura do conto.

## **2.2 O conto em abordagem e estratégia de leitura**

O conto é um gênero textual com narrativa curta, apresenta poucos personagens e narra histórias de diversas temáticas, a exemplo de suspense, amor, investigação, amizade etc., buscando fazer o leitor ponderar a respeito da temática e desenvolver o gosto pela leitura.

A tecnologia vai avançando e tomando lugar dentro das famílias, sendo utilizada por pessoas de todas as idades desde as crianças aos adultos. Um fato é que as crianças e jovens estão imersas no universo tecnológico em aplicativos de jogos, vídeos, músicas. Esses aplicativos se mostram atraentes e prendem a atenção deles, enquanto os textos literários parecem não ser atrativos. Para Perrone-Moisés:

Não é culpa deles nem da internet, onde há vários blogs literários de qualidade que, na falta de bons professores de literatura, poderiam orientar esses leitores incipientes. Mas provavelmente eles achariam esses blogs muito “cabeça”. Nunca é demais repetir: a leitura de obras literárias começa nas famílias em que há leitores. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 59).

Desse modo, o docente tem a tarefa de mostrar o quanto os textos são atrativos e interessantes. Mesmo as crianças e os jovens inseridos no mundo das tecnologias, ainda assim, é possível formar leitores, para tal os contos são ferramentas eficientes, quando junto aos modos de ler, pois permite que eles se envolvam com os textos. Para o teórico, as práticas de leitura são essenciais no diálogo com o texto. Com base em Cosson:

o primeiro passo na busca dos modos de ler (na escola e fora dela) que nos levam ao sentido da obra consiste em perguntar: o que lemos quando lemos o texto literário? Os caminhos da resposta passam pelos quatro elementos – leitor, autor, texto e contexto – e os três objetos – texto, contexto e intertexto – que constituem o diverso e multifacetado diálogo de leitura. (COSSON, 2014, p. 71)

Nesse sentido, Cosson (2014) apresenta a Leitura Silenciosa, Leitura Silenciosa Sustentável LSS, Leitura em voz alta, Interação, Memorização e Participação como práticas para desenvolver e planejar as atividades em sala de aula. No desenvolvimento da participação, têm-se as estratégias de leitura, conforme Cosson (2014, p. 117, *grifos do autor*) “Outra forma de participação que promove interação do leitor com texto é o uso das *estratégias de leitura*.”

A esse respeito, Cosson (2014) ressalta as seguintes estratégias: ativação do conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, sumarização e síntese do processo de leitura. Portanto, vale salientar as práticas e estratégias atreladas ao letramento literário a partir da sequência básica de Cosson, constituída por quatro etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação na abordagem de obras em sala de aula.

Em vista disso, o trabalho com o conto em sala de aula por intermédio da vertente do letramento literário e das estratégias de leitura fomenta o repertório de leitura do discente, pois o conduz à reflexão e ao pensamento crítico, bem como contribui na aprendizagem. Cosson (2021, p. 47) salienta que “As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras”.

Diversos alunos têm dificuldades em argumentar, isso está presente em sala de aula, em razão de eles estarem acostumados a não serem instigados a comentar, questionar e expor os pontos de vista. Nesse caso, por meio da leitura literária, o aluno pode ter voz, uma vez que essa prática requer a participação e a argumentação dos discentes. Para Gregorin Filho:

A leitura literária pode contribuir sobremaneira para a ampliação da competência argumentativa se as atividades forem bem exploradas e se o jovem tiver direito a voz, de comentar e emitir suas impressões sobre as obras lidas, de maneira espontânea e com atitude colaborativa do professor. (GREGORIN FILHO, 2011, p.70)

Em suma, a leitura literária com a participação dos alunos produz muitos resultados no processo estudantil. Embora a literatura tenha feito parte da vida das pessoas, ela não era pensada para as crianças e adolescentes com linguagem acessível e com histórias inerentes ao mundo infantil e juvenil, como também, não era pensada e trazida para a sala de aula. No século XVII, surge a literatura infantil com o público alvo crianças e jovens.

Nesse sentido, os textos literários infantis trazem em si valores e tradições da sociedade, portanto é por intermédio das obras infantis e juvenis que as emoções, o conhecimento do mundo e o imaginário podem ser desenvolvidos nas crianças. Assim, os textos possuem uma diversidade de elementos capazes de envolver o leitor durante a leitura.

A leitura concede a capacidade de refletir, além de ser um processo cognitivo, desperta emoções ao criar imagens no consciente durante esse processo. Gregorin Filho (2011, p. 71) pontua que “a leitura recorre às capacidades de reflexão do leitor, ela também influi nas emoções [...] a leitura é também um processo afetivo.” Esses efeitos também partem dos conteúdos que abordam a visão de mundo do público alvo.

Os contos com personagens de príncipes, princesas, fadas, feitiçeras entre outros, apresentam nas narrativas o bem e o mal, assim, a literatura infantil tinha um caráter pedagógico, a fim de moldar os comportamentos das crianças e dos jovens de acordo com os valores sociais defendidos. Gregorin Filho (2011, p. 75) enfatiza: “Pois, como se observa, a literatura que se voltava ao jovem do passado tinha caráter meramente utilitário e visava a transmitir bons exemplos de conduta cívica e moral.”.

Ao passar do tempo, o caráter pedagógico dos contos adquire outra forma, busca despertar o gosto de ler e a diversão em virtude da adaptação dos contos, mas mantêm suas idiossincrasias principais. Sendo assim, para Aguiar (2012, p. 48), “a adaptação mantém a história original, reescrita segundo as necessidades de leitores específicos, enquanto o reconto dá-lhe roupagem diferente, mantendo, contudo, referências evidentes a fonte.”.

Em vista disso, elementos da modernidade são atribuídos nos recontos com o objetivo de tornar o texto mais próximo da realidade vivida pelas crianças e jovens, pois quando o texto é distante da realidade dos alunos, eles têm mais dificuldades para compreendê-lo, logo, o educador deve pensar no estudante no momento da seleção de texto para a sala de aula.

Os recontos possuem características atuais, no entanto conservam características essenciais, dessa maneira, diversos escritores têm se dedicado à adaptação dos contos de fadas ou contos maravilhosos, consoante Aguiar:

[...]podemos identificar, no processo de criação dos recontos, algumas coordenadas gerais. A primeira delas diz respeito à modernização de ambientes, caracterização de personagens e transformação das instituições sociais (profissões, formas de lazer, papéis sociais, bens materiais). (AGUIAR, 2012, p. 55)

Os recontos e os contos têm contribuído de forma significativa na formação das crianças e jovens, visto que também envolve as emoções, auxiliando na compreensão de si, Coelho (2000, p. 56-57) pontua que o conto “dá também sugestões de coragem e otimismo que serão necessários à criança para atravessar e vencer inevitáveis crises de crescimento.”

O conto consiste em uma narrativa que se diferencia do romance por ser curto, como aponta Soares (2007, p.54) o conto “É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias.”. Nesse sentido, a narrativa do conto é mais sintetizada e possui a capacidade de cativar o leitor, pois os elementos estruturais são bem delimitados. Soares (2007, p.54) aponta que “Embora possuindo os mesmos componentes do romance (já conceituados no capítulo anterior), o conto elimina as análises minuciosas, complicações no enredo e delimita fortemente o tempo e o espaço.”.

Além de uma narrativa de curta extensão, o escritor ao elaborar o conto tem objetivo de despertar no leitor sensibilidade, pois ele sabe que esse gênero textual é mais do que contar histórias e que a leitura conduz o leitor a novas experiências, como enfatiza Gotlib (2006, p. 34) “O conto, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta intenção: a conquista do efeito único, ou impressão total.”

Posto isso, em razão dos contos apresentarem conflitos da narrativa, a criança compreende as próprias experiências. Para Coelho (2000, p. 57), “Intuitivamente, a criança compreenderá que tais histórias, embora irreais ou inventadas, não são falsas, pois ocorrem de maneira semelhante no plano de suas próprias experiências pessoais.”.

Nesse sentido, o poder da literatura infantil e juvenil em conduzir o leitor ao amadurecimento interior por meio dos contos tem sido muito necessário em sala de aula, bem como tem gerado diversos estudos sobre essa temática. De acordo com Coelho (2000, p. 54) “É, pois, nesse período de amadurecimento interior que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fada podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta.”.

Portanto, o educador, ao fazer uma seleção de contos pensando na faixa etária dos alunos, na temática que mais interessa o público de crianças e jovens, está possibilitando uma formação efetiva e ampla, uma vez que os contos da literatura infantil envolvem o leitor, despertam o prazer pela leitura e fomentam a criatividade através do processo cognitivo da leitura. Para Gregorin Filho:

Daí a tarefa artesanal do professor para escolher um texto que terá a possibilidade de estabelecer um diálogo honesto com o jovem. Se a escolha for de um texto literário, a tarefa deve ser mais meticulosa ainda, pois, além da temática, há que se adequar a expressão artística. (GREGORIN FILHO, 2011, p. 64)

A formação de leitores faz-se através da leitura de obras, textos literários de variados gêneros textuais e, ainda, com a mediação do docente, a fim de formar um leitor capaz de refletir, questionar e expor seus pontos de vista sobre o texto, ampliando cada vez mais os horizontes de leitura e desenvolvendo o amadurecimento do aluno nas habilidades de leitura e escrita. Então, o capítulo posterior é direcionado à metodologia da pesquisa.

### **3 METODOLOGIA**

Na busca da construção de novos saberes ou aprofundamento de estudos sobre determinada temática, os pesquisadores realizam estudos e investigações, desse modo também ocorre na área de ensino, pois diversas pesquisas são desenvolvidas para obter novos métodos, teorias, auxiliar na solução de dificuldades presentes na prática educacional e refletir acerca do ensino, assim:

[...] a pesquisa é um "procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento". A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 155)

A natureza da abordagem é qualitativa, isto é, para a pesquisa qualitativa ser realizada, ela exige uma sequência de fatores, conforme aponta o teórico Gil (2002, p. 133) “A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”.

Para tanto, utilizamos estudos teóricos para embasar e consolidar esta pesquisa a respeito do letramento literário e os contos no âmbito escolar. Desse modo, a pesquisa tem caráter bibliográfico e utilizamos o método interpretativista, tendo em vista que partimos de observações do âmbito escolar a fim de alcançar resultados mais abrangentes.

Portanto, a relevância da pesquisa se dá a partir da necessidade de espaço dos contos no ensino de literatura, visto que eles têm muito a serem explorados na sala de aula devido às temáticas que tratam de questões sociais, culturais, bem como despertar o prazer pela leitura, promover o letramento literário e o acesso à literatura. Portanto, no capítulo seguinte, expomos acerca da definição e estrutura do conto.

#### **4 O CONTO EM SALA DE AULA: LEITURA E PROPOSTA CRÍTICA**

Os gêneros literários são recursos cruciais para o ensino de literatura em todas as etapas da educação desde o ensino infantil ao ensino médio, a fim de formar leitores e ampliar os conhecimentos deles. Assim, ao abordar poemas, crônicas, contos, fábulas entre outros, obras completas, e não fragmentadas, o docente contribui para um processo de ensino/aprendizagem mais efetivo.

Nesse sentido, as narrativas curtas, a exemplo dos contos, instigam o prazer pela escrita e leitura. Os contos tem origem na oralidade e posteriormente passa para a escrita. Com poucos personagens, a narrativa do conto tem início, meio e fim, uma das características é o final feliz após conflitos durante a narrativa. Consoante Costa:

CONTO (v. CASO/CAUSO, ESTÓRIA, FÁBULA, HISTÓRIA, LENDA, NARRATIVA, NOVELA, RELATO, ROMANCE): assim como a novela (v.) e o romance (v) são do tipo narrativo, assim também o conto literário o é. Em contraste com o romance, que geralmente é mais longo, o conto é mais curto (short story, no

inglês), isto é, de configuração material narrativa pouco extensa, historicamente verificável. Essa característica de síntese traz outras: (i) número reduzido de personagens ou tipos; (ii) esquema temporal e ambiental econômico, muitas vezes, restrito; [...]Trata-se da atmosfera mágica do "Era uma vez ... ", presente nas narrativas ou relatos que deram origem às histórias de Mil e uma noites, por exemplo, a tantas fábulas (v.), a tantos contos de fadas (v.). Socioculturalmente, portanto, o conto literário tem sua origem na cultura oral, enquanto o romance é regido pela cultura da escrita/leitura. (COSTA, 2014, p.86-87)

Em vista disso, a abordagem dos contos em sala de aula colabora para formação do leitor e do imaginário, bem como para o desenvolvimento da capacidade de lidar com a realidade, embora esse gênero textual, por vezes, não seja tão explorado em sala de aula, ele tem temáticas relevantes apresentadas através da narrativa.

Posto isso, é importante inserir os contos nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que valores culturais, aspectos da realidade, aspectos sociais estão presentes também nesse gênero. A produtividade dos contos talvez seja questionada pelas histórias apresentadas, no entanto, os estudos acerca da apresentação dos contos no ensino de literatura têm crescido e têm mostrado resultados positivos em relação à formação do leitor, da personalidade, do imaginário, do repertório de leitura, da escrita e da criatividade dos estudantes.

Na leitura dos contos, os alunos podem formar suas próprias interpretações e impressões a respeito da história contada e, nesse momento, o docente deve guiar os leitores, logo, alguns questionamentos são pertinentes durante esse processo. Alves; Espíndola e Massuia apontam:

Algumas delas como "O que acharam da história?", "Qual trecho mais chamou a atenção e por quê?", "O que não gostaram?", "Vocês gostam dessa personagem?" ou "O que vocês pensam sobre a atitude dessa personagem?" são perguntas "chaves" que podem servir como disparadores para a conversa em qualquer enredo escolhido. (ALVES; ESPÍNDOLA E MASSUIA, 2011, p.113)

Assim, o leitor tem a possibilidade de expor opiniões sobre o texto, bem como, expor as dúvidas, os questionamentos, expressar os sentimentos produzidos pelo contato com a literatura em sala de aula, dando, portanto, oportunidade para o diálogo. Segundo Alves; Espíndola e Massuia:

Quando são oportunizados momentos de diálogo aberto, considerando não apenas a opinião das crianças, mas, além disso, seus sentimentos, medos, angústias e reflexão pessoal sobre a história, se coloca em evidência uma das principais características da literatura em geral, sua incompletude, preenchida exclusivamente pela compreensão do leitor. (ALVES; ESPÍNDOLA E MASSUIA, 2011, p. 113)

O diálogo entre o leitor, o texto e o autor permite ao discente a expansão da compreensão do texto, bem como, o diálogo entre os alunos. Quando se busca desenvolver a leitura literária em sala de aula, torna-se necessário trabalhar as obras em sua completude, e não a partir dos fragmentos, eventualmente para uso de estudos gramaticais.

A leitura literária e os benefícios dela na formação dos leitores muitas vezes não florescem devido à maneira de apresentar textos fragmentados. Através do letramento literário e da leitura literária, o processo de ensino/aprendizagem ganha mais força, ainda mais a partir dos contos, para Alves; Espíndola e Massuia “O conto de fadas nesse contexto pode trazer significativas contribuições, pois podem funcionar como um elo entre as práticas orais vividas pelas crianças em seus contextos sociais e a vida escolar.” (ALVES; ESPÍNDOLA E MASSUIA, 2011, p.119)

Os contos de fadas possuem características essenciais, por exemplo, o uso de algumas expressões, consoante Alves; Espíndola e Massuia:

Outra característica do gênero que o professor pode levar para a sala de aula é o fato de as histórias serem atemporais, começando por expressões como “Era uma vez...” ou “Em certo reino...”, indicando que os fatos ali narrados podem ter acontecido há muitos anos ou há pouco tempo. (ALVES; ESPÍNDOLA E MASSUIA, 2011, p. 109)

A introdução, a complicação, o clímax e o desfecho também fazem parte da estrutura do conto, além do conto ser um gênero textual que apresenta várias manifestações conforme o objetivo que ele traz, para Luiz e Ferro:

convém citar os contos exemplares (centrados na veiculação de determinadas normas morais), contos jocosos (narrativas cômicas que se debruçam sobre elementos do cotidiano), contos religiosos (marcados por prêmios ou castigos concedidos por Deus a determinada personagem), contos etiológicos (que elucidam, a partir de uma visão mitológica, a razão de ser de alguma propriedade ou ente da natureza), contos acumulativos (histórias encadeadas e bastante divertidas) e as facécias (que, recuperando o humor, exploram situações imprevistas, materiais e morais. (LUIZ; FERRO, 2011, p.125)

Assim, os contos apresentam uma determinada estrutura e várias manifestações que podem ser escolhidas pelo docente a partir do conteúdo da aula e da necessidade que o docente notar. Portanto, os contos podem ser trabalhados com os alunos por meio de oficinas; leitura em sala de aula; sequência didática; produção textual de reconto, entre outras maneiras. O próximo subtópico é dedicado à exposição sobre a narrativa de autoria feminina e os contos *corpus* desta pesquisa.

#### 4.1 A narrativa de autoria feminina

O universo da literatura nem sempre foi acessado por toda a sociedade, tendo em vista que os intelectuais e as pessoas com maior poder econômico eram os que usufruíam das obras literárias, em especial das obras consideradas clássicas do cânone literário. Desse modo, também se tratava da escrita literária, pois o patriarcado obtinha todo espaço na literatura sem dar oportunidade para a escrita de autoria feminina, já que não era considerado lugar para as mulheres.

Assim, a história da literatura manteve por muito tempo apenas as escritas masculinas como protagonistas do espaço literário, enquanto a escrita de autoria feminina se mantinha sem ser notada. Nesse sentido, Virgínia Woolf enfatiza que:

[...] nesses corredores quase sem luz da história onde figuras de gerações de mulheres são tão indistinta, tão instavelmente percebidas. Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. A história da Inglaterra é a história da linha masculina, não da feminina. (WOOLF, 2009, p. 9-10)

Após muita luta, a escrita feminina foi ocupando espaço na literatura por meio de poemas, contos, romances, ensaios, crônicas e outros. Antes dessa conquista, as mulheres escritoras utilizavam pseudônimo para manter em segredo a autoria das obras, e isso foi modificado graças aos diversos estudos sobre o assunto, assim, a escrita feminina tem sido mais valorizada entre a autoria masculina.

Desse modo, a literatura de autoria feminina busca representar as mulheres, dando voz às suas histórias de luta e às conquistas através das páginas, bem como mostrando que elas podem ser a protagonista da própria vida e das narrativas. Portanto, Zolin pontua que:

Trata-se, em sínteses, de a literatura de autoria feminina pós-moderna representar mulheres “possíveis” que refutam as imagens tradicionais, historicamente, a ela imputadas pelo pensamento patriarcal, como aquela marcada pela fragilidade excessiva e/ou delicadeza, pela santidade ou perversidade extrema. (ZOLIN, 2009, p. 114)

Assim, a narrativa de autoria feminina é de fundamental importância para a sociedade e para a literatura, pois ecoa as vozes femininas, narra a história das mulheres, bem como apresenta a visão das mulheres a respeito dos pontos sociais, culturais, históricos, entre outras questões, portanto, com as mudanças, diversas mulheres começaram a fazer parte da literatura e a terem a escrita reconhecida.

A exemplo das autoras Clarice Lispector, Marina Colasanti e Conceição Evaristo que são mulheres importantes de diferentes movimentos literários. No movimento modernista, temos Clarice Lispector e no contemporâneo encontramos Marina Colasanti e Conceição Evaristo que abordam temáticas relevantes e instigantes para a sala de aula.

Nesse sentido, os contos “Uma Esperança”, de Clarice Lispector; “Entre a Espada e a Rosa”, de Marina Colasanti e “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo apresentam a figura feminina em busca de construir sua própria história. Em vista disso, fizemos uma breve análise de cada um.

“Uma Esperança”, de Clarice Lispector, narra a história da esperança enquanto inseto, entretanto a escritora produz um jogo de sentidos com a palavra esperança, pois ora se refere ao inseto, ora faz referência ao sentimento de esperança. Desse modo, o conto traz uma reflexão acerca da esperança, inseto, e do sentimento existente na alma, no interior das pessoas.

Por intermédio da leitura do conto “Uma Esperança”, o leitor é levado a refletir acerca do jogo de sentidos que a palavra possibilita, bem como é notável que se trata de um vocábulo feminino para, possivelmente, designar a força, uma característica do ser feminino.

A escritora Clarice Lispector reconhecida pelos contos e pelas obras com idiossincrasias psicológicas e repletos de subjetividade produziu vários livros. O seu primeiro livro é *Perto do coração selvagem*, publicado em 1944. Podemos ainda citar *O lustre* (1946), *Água viva* (1973), que também foram escritos por Clarice Lispector.

O conto “Entre a Espada e a Rosa”, de Marina Colasanti, apresenta como personagem o rei e a princesa, retrata a imposição de um casamento que o rei faz para a princesa contra a vontade dela. Para solucionar essa situação, ocorre algo inusitado: a princesa acorda com barbas, o que faz com que o pai a mande embora do castelo.

O leitor se depara com um conflito entre o pai e a filha, representando mais uma vez a decisão masculina como prevalecente sobre a feminina. No entanto, durante a narrativa do conto, é apresentada a força da Princesa ao participar das batalhas e se tornar admirada mesmo com a verdadeira identidade oculta na armadura e que ao final do conto a barba transforma-se em rosas.

Assim, é interessante ressaltar que esse conto de Marina Colasanti mostra um ponto de diálogo com o conto “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo no que diz respeito à problematização dos “papéis de gênero”, pois ambas as personagens são femininas, uma apresenta a barba na narrativa e a outra, o encanto por gravatas, um acessório de indumentária masculina.

A autora, Marina Colasanti, é escritora de contos, poemas e também da literatura infanto-juvenil. Ganhou o Prêmio Jabuti e escreveu diversos livros, a citar: *Eu sozinha* (1968); *Doze reis e a moça no labirinto do vento* (1978); *Entre a espada e a rosa* (1986) em que está presente o conto homônimo; *Mais de cem histórias maravilhosas* (2015); *Melhores crônicas- Marina Colasanti* (2016), entre outras obras.

“A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo é um conto que aborda a dificuldade de perceber que as pessoas têm gostos díspares. O conto traz dois personagens importantes, Fémina Jasmine, uma menina que tem encanto por gravatas. Desse modo, o nome dado a personagem representa uma diferença entre o feminino e o masculino devido ela ter encanto por gravatas, que são acessórios de vestimenta masculina.

A figura do pai de Fémina é apresentada como um personagem sofredor por causa do gosto da filha, pois para ele isso é motivo de preocupação. Por meio da leitura do conto “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo, pode-se perceber a marca de um patriarcado em que a figura feminina está relacionada a elementos considerados imprescindíveis.

Em vista disso, a escritora Conceição Evaristo representa a luta feminina e a luta negra em seus escritos. Nascida em Minas Gerais, Conceição Evaristo publica ficção, poemas e ensaios. Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicou diversas obras como *Ponciá Vicêncio* (2003); *Olhos d'água* (2014); *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) do qual faz parte o conto “A menina e a gravata”, entre outras. O subtópico a seguir apresenta uma breve explicação sobre a sequência básica e a proposta de intervenção.

#### **4.2 Sequência Básica para o 9º ano do Ensino Fundamental**

A proposta didática com os contos “Uma Esperança”, de Clarice Lispector, “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti e “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo tem por objetivo trabalhar esses textos a partir da sequência básica no 9º ano do Ensino Fundamental, em virtude de ser necessário que os estudantes desse respectivo ano conheçam esses textos e a temática presente nesses contos, a fim de promover o letramento literário e um ensino de literatura mais eficiente que contribua na formação leitora, intelectual dos alunos. Dessa maneira, a sequência básica é dividida em motivação, introdução, leitura e interpretação.

Nesse sentido, a motivação consiste em estimular o aluno para a leitura, participação e despertar os conhecimentos prévios, e que o tempo limite para essa etapa costuma ser de uma

aula com base em Cosson (2021). A introdução refere-se à apresentação do autor e da obra estudada naquele momento, enfatizando a relevância do texto e do autor, de acordo com Cosson (2021).

O terceiro momento é o da leitura no qual o estudante tem o contato com a obra. Logo após, no momento da interpretação, o aluno é conduzido a refletir sobre aquilo que foi lido, expor as impressões, dúvidas, conhecimento e sensações por intermédio de diálogos com o professor e a turma, como aponta Cosson (2021).

Para tal, apresentamos os objetivos, recursos e a avaliação que propusemos para trabalhar os três contos:

**Objetivo geral:** Apresentar o gênero textual conto e a relevância da escrita de autoria feminina na Literatura Brasileira.

**Objetivos específicos:** Despertar habilidade de leitura e de escrita; apresentar parte da produção de autoria feminina; conhecer a estrutura e as características do conto.

**Duração:** 13 aulas, tempo estimado, podendo ser modificado de acordo com a necessidade do professor e da turma.

**Recursos:** *slides*, texto impresso, quadro branco, pincel de quadro.

**Textos:** Uma Esperança- Clarice Lispector; Entre a espada e a rosa- Marina Colasanti; A menina e a gravata- Conceição Evaristo.

**Avaliação:** processo de avaliação de forma contínua.

A proposta de aula a partir da sequência básica com o conto “Uma Esperança”, de Clarice Lispector (Cf. Anexo A) pode ser desenvolvida, possivelmente, em quatro aulas. Dividida da seguinte maneira:

**Passo 1: motivação (1 aula)**

Para o primeiro momento, o docente pode escrever no quadro a palavra “Esperança” e a partir disso questionar aos discentes o que eles imaginam sobre esse léxico, o que vem na mente deles ao ouvir essa palavra, com objetivo de fazê-los refletir. Aqui, o professor também pode produzir um caça-palavras com palavras presentes no conto e levar para a sala de aula como forma de despertar a curiosidade pelo que virá na aula.

**Passo 2: introdução (1 aula)**

Nesta fase, deve ser explicado e discutido com os estudantes sobre a autora, algumas obras dela, principalmente, *Felicidade Clandestina*, da qual faz parte o conto “Uma Esperança” e ainda apresentar o estilo de escrita da escritora e a estrutura dos contos em geral.

**Passo 3: leitura (1 aula)**

Neste momento, o texto impresso é entregue aos alunos e o professor solicita que seja realizada uma leitura silenciosa. Após a leitura silenciosa do conto, é realizada uma leitura compartilhada em que o professor dá início, em seguida, é continuada pelos estudantes, sempre marcando os pontos que mais chamaram a atenção ou que não compreenderam.

#### **Passo 4: interpretação (1 aula)**

Depois da leitura, o docente conduz uma discussão acerca do jogo de sentidos da palavra “esperança”, bem como pode apresentar outros vocábulos que também permitem mais de um sentido. Assim, o professor pode explicar a respeito da palavra que foi discutida enquanto um substantivo feminino para possivelmente designar a força feminina. Neste momento, é importante que os alunos exponham as dúvidas, sentimentos e opiniões que surgiram durante a leitura.

#### **Produção**

Em dupla, os estudantes devem realizar pesquisa de um conto e sobre o autor, levar para a sala de aula e realizar leitura, mostrar os aspectos semelhantes ou não entre o conto que foi lido em sala e o conto que foi escolhido pelo aluno.

Para abordagem com o conto “Entre a espada e a rosa”, de Marina Colasanti (Cf. Anexo B) em sala de aula, apontamos como sugestão o trabalho através da sequência básica apresentando a proposta dividida em quatro passos, podendo ser desenvolvida na quantidade de cinco aulas provavelmente.

#### **Passo 1: motivação (1 aula)**

Neste primeiro momento, o professor deve motivar, despertar nos alunos o desejo pela leitura, para tal, o docente pode conduzir os discentes na reflexão acerca do título “Entre a espada e a rosa”, produzindo questionamentos, a exemplo de: o que um texto com esse título pode narrar? o que pode representar a espada e a rosa? o que há entre esses dois elementos? se a espada representar batalha e a rosa, conquista, podemos dizer que faz referência com a superação? Entre outras perguntas que podem ser feitas, a fim de que os alunos reflitam.

#### **Passo 2: introdução (1 aula)**

Esta etapa consiste na apresentação do autor e da obra que será lida, desse modo, o professor apresenta sobre a autora Marina Colasanti e algumas das obras produzidas por ela, ressaltando aquela em que o conto está inserido. O docente também explica acerca da figura feminina, bem como o objetivo da escolha do conto por ser contemporâneo e tratar de aspectos relevantes para ser discutidos em sala de aula e as características dos contos.

#### **Passo 3: leitura (2 aulas)**

Neste terceiro momento, o professor entrega os textos impressos e pede que seja realizada uma leitura silenciosa do conto pelos alunos, em seguida, o professor faz uma leitura compartilhada junto com os alunos.

#### **Passo 4: interpretação (1 aula)**

Após a leitura do conto “Entre a espada e a rosa”, o professor conduz um diálogo com os alunos acerca do que é narrado no conto, a fim de que eles exponham as impressões sobre o texto e o que pode ser pensado e colocado na realidade, bem como, para que reflitam sobre qual mensagem o conto quer passar a respeito da figura feminina, construindo, portanto, a discussão entre aluno/professor, pontuando os aspectos tradicionais, o porquê da espada e a rosa, entre outras perspectivas relevantes presentes no texto.

#### **Produção**

Neste ponto, o educador solicita a produção de um final para o conto, tendo em vista que o final do texto é aberto, desse modo, dá a possibilidade ao leitor de criar um final a partir da construção das impressões durante a leitura, o diálogo e com o imaginário do leitor.

Com o conto “A menina e a gravata”, de Conceição Evaristo (Cf. Anexo C) nas aulas de língua portuguesa, propomos o desenvolvimento da sequência básica em quatro aulas, ponderada do seguinte modo:

#### **Passo 1: motivação (1 aula)**

No primeiro momento, o professor precisa motivar os alunos para a aula. Portanto, pode ser entregue um pedaço de papel cortado em formato de uma gravata borboleta para que os alunos escrevam o nome de algo que eles gostam ou eles podem escrever no quadro branco e ainda discutir acerca dos gostos de cada um e a liberdade de escolha.

#### **Passo 2: introdução (1 aula)**

Neste momento, o docente irá explicar sobre os elementos da estrutura do gênero textual conto, falar acerca da autora Conceição Evaristo, além disso, é relevante explicar a importância da escrita feminina na literatura brasileira, a luta negra e das mulheres, para tal, pode ser usado *slides* com fotos da autora, com aspectos do movimento literário em que ela está inserida.

#### **Passo 3: leitura (1 aula)**

O professor, nesta etapa, entrega os textos aos alunos e solicita que os estudantes façam uma leitura silenciosa do conto, marcando os pontos que mais chamaram a atenção no texto, bem como as dúvidas que surgirem durante a leitura.

#### **Passo 4: interpretação (1 aula)**

Após a leitura do conto “A menina e a gravata”, o professor conduz um momento de debate e diálogo acerca do que o texto narra do encanto da menina por um acessório de vestimenta masculina e os sonhos de cada pessoa, a fim de os alunos apontarem as impressões, o que foi compreendido e ainda refletir sobre a questão do feminino na sociedade.

### **Produção**

Para esta ocasião, pode ser solicitado aos alunos que escrevam os seus sonhos no pedaço de papel, que foi recebido no início da aula, e produzam contos a partir daquilo que foi escrito no papel gravata borboleta.

### **Momento de culminância: Aumentando um ponto no conto**

Para o momento de culminância, propomos que cada aluno produza o seu próprio conto a partir da adaptação de um dos contos lidos em sala, apresente para a turma e depois sugerimos coloca-los expostos em mural de sala que pode ser produzido pelo professor e pelos estudantes. Assim, os alunos irão resgatar os conhecimentos em relação ao gênero textual estudado no momento da produção e ainda desenvolver a imaginação.

Portanto, o despertar do gosto pela leitura e das emoções, a expansão da imaginação e dos conhecimentos, o amadurecimento do senso crítico-reflexivo, o progresso na aprendizagem e no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, o contato com a literatura, bem como saber lidar com as dificuldades da realidade, associando ficção e realidade, a compreensão da estrutura, características do conto e o conhecimento da narrativa de autoria feminina são alguns dos rendimentos que a sequência básica pode proporcionar aos alunos.

É possível realizar uma proposta de intervenção que contribua de fato na formação de leitores reflexivos, sensibilizados pela leitura e com prazer de mergulhar no universo da literatura, além disso, a partir da leitura dos contos, os alunos são instigados a debater, questionar e expressar os pontos de vista e as emoções. Assim, a proposta didática com os contos de autoria feminina pode ser aplicada em sala de aula, além de ser uma sugestão para que outros professores trabalhem a leitura literária e o letramento literário.

Portanto, é preciso desenvolver propostas em que os alunos sejam oportunizados à participação nas aulas, pois por meio da literatura, do contato com os textos literários que leitores são formados, desse modo a instituição escolar deve valorizar e fomentar o trabalho com os contos em sala de aula.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura concede ao leitor o desenvolvimento da linguagem, aquisição de novos saberes, a expansão do repertório de cultura e a formação de leitores posto que ela é valorosa para a sociedade, assim a abordagem com os contos em sala de aula proposta nesse trabalho buscou mostrar a importância do letramento literário.

Nesse sentido, partimos da premissa de que o letramento literário busca formar leitores reflexivos e críticos acerca das temáticas e assuntos preconizados nas obras através da relação construída entre o leitor, texto e autor durante o processo de leitura, como reverbera os teóricos Souza; Cosson (2011), Dalvi (2013), entre outros.

Desse modo, retomamos os teóricos para embasar a argumentação e evidenciamos que a temática dessa pesquisa reverbera aspectos sociais e históricos, pois a proposta de sequência básica apresentada busca contribuir na formação de leitores, despertar o gosto pela leitura, bem como apresentar a narrativa de autoria feminina na literatura.

Então, constatamos que os contos nem sempre têm espaço nas aulas de literatura, todavia eles são imprescindíveis, posto que conferem aos estudantes a construção da própria personalidade, o saber lidar com as dificuldades da realidade, assim como uma aprendizagem produtiva e ainda é crucial ressaltar a importância das obras de autoria feminina na literatura brasileira.

Para tal, a proposta de intervenção foi construída com base na sequência básica formulada em um possível desenvolvimento de aula para o 9º ano do Ensino Fundamental, articulando leitura e escrita no emprego de contos no ensino de literatura, com o intuito de auxiliar também os docentes na utilização dos contos e no estudo do letramento literário.

Logo, constatamos que uma possível aplicação da proposta de intervenção com os contos de autoria de feminina apresenta pontos positivos, a citar, o aluno passa a conhecer textos literários de autoria feminina e o gênero textual conto, desenvolve as habilidades de leitura e escrita, reflete acerca da questão do feminino na sociedade, tornando, portanto, o aluno crítico, reflexivo e sensibilizado através da leitura e instigado a buscar ler outros contos e textos literários.

Algumas dificuldades também podem ser encontradas ao desenvolver essa proposta, a exemplo de, os alunos sentirem dificuldades na compreensão de alguns termos e expressões presentes nos contos, mas que podem ser explicados pelo professor, como também é possível ter aluno que pense que trabalhar questões do feminino seja menos importantes, tornando isso

um desafio para o docente, pois ele precisará mostrar para o estudante que se trata de assuntos importantes para a sociedade e que precisam ser estudados e discutidos.

Portanto, percebemos a partir desse estudo que o ensino de literatura deve fazer o estudante refletir sobre questões relevantes e perceber as possibilidades existentes na realidade por meio da imersão no universo da literatura. Pois os contos podem ser instrumento imprescindível para alcançar a formação de leitores. Assim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com os docentes em formação, os docentes leitores e pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Do conto ao reconto: uma viagem ao presente. *In*: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. (Orgs.). **Conto e reconto**: das fontes à invenção. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lucia; MASSUIA, Caroline Sanchez. Oralidade, fantasia e infância: há lugar para os contos de fadas na escola?. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Beta Lúcia Tagliari; (Orgs). **Leitura Literária na Escola: Reflexões e Propostas na Perspectiva do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

BRASIL, Constituição Federal (1988). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acessado em: 07 de jul. de 2022 às 21:58h.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: arte literária ou pedagógica. *In*: \_\_. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLASANTI, Marina. Entre a espada e a rosa. *In*: \_\_. **Entre a espada e a rosa**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3 ed. rev. ampl.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ELIOT, T. S. A função social da poesia. *In*: \_\_\_\_\_. **De poesias e poetas**. Trad.: I. Junqueira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

EVARISTO, Conceição. A menina e a gravata. *In*: \_\_\_\_\_. **Histórias de leves enganos e parencas**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11 .ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2006.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Imaginário, texto e sociedade. *In*: \_\_\_\_\_. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.  
\_\_\_\_\_. A literatura juvenil na sala de aula. *In*: \_\_\_\_\_. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

IPIRANGA, Sarah. O papel da literatura na bncc: ensino, leitor, leitura e escola. **Revista de Letras**, Fortaleza: v. 1, n. 38, p. 106-114, 2019.

LAJOLO, Marisa. No qual se aponta a antiga, sólida e muito suspeita aliança entre quatro letras “l”: linguagem, língua, literatura & letras. *In*: \_\_\_\_\_. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Unesp, 2018. p. 39-46.

LISPECTOR, Clarice. Uma esperança. *In*: \_\_\_\_\_. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUIZ, Fernando Texeira; FERRO, Marcela Coladello. Tamanho não é documento: teoria, crítica e propostas de atividades com narrativas curtas. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Beta Lúcia Tagliari; (Orgs). **Leitura Literária na Escola: Reflexões e Propostas na Perspectiva do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Márcia Cabral da. A leitura literária como experiência. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7.ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: uma proposta para a sala de aula. Unesp, 2011, p. 101-107.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Teoria da literatura. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2007.

WOOLF, Virgínia. **Mulheres e ficção**. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. **Revista Ipotesi**, Juiz de Fora, v.13, nº 2, p. 105-116, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19188>. Acesso em: 29 out. 2022.

## ANEXO A– UMA ESPERANÇA, DE CLARICE LISPECTOR

Aqui em casa pousou uma esperança. Não a clássica que tantas vezes verifica-se ser ilusória, embora mesmo assim nos sustente sempre. Mas a outra, bem concreta e verde: o inseto.

Houve um grito abafado de um de meus filhos:

- Uma esperança! e na parede bem em cima de sua cadeira! Emoção dele também que unia em uma só as duas esperanças, já tem idade para isso. Antes surpresa minha: esperança é coisa secreta e costuma pousar diretamente em mim, sem ninguém saber, e não acima de minha cabeça numa parede. Pequeno rebuliço: mas era indubitável, lá estava ela, e mais magra e verde não podia ser.

- Ela quase não tem corpo, queixei-me.

- Ela só tem alma, explicou meu filho e, como filhos são uma surpresa para nós, descobri com surpresa que ele falava das duas esperanças.

Ela caminhava devagar sobre os fiapos das longas pernas, por entre os quadros da parede. Três vezes tentou renitente uma saída entre dois quadros, três vezes teve que retroceder caminho. Custava a aprender.

- Ela é burrinha, comentou o menino.

- Sei disso, respondi um pouco trágica.

- Está agora procurando outro caminho, olhe, coitada, como ela hesita.

- Sei, é assim mesmo.

- Parece que esperança não tem olhos, mamãe, é guiada pelas antenas.

- Sei, continuei mais infeliz ainda.

Ali ficamos, não sei quanto tempo olhando. Vigiando-a como se vigiava na Grécia ou em Roma o começo de fogo do lar para que não apagasse.

- Ela se esqueceu de que pode voar, mamãe, e pensa que só pode andar devagar assim.

Andava mesmo devagar - estaria por acaso ferida? Ah não, senão de um modo ou de outro escorreria sangue, tem sido sempre assim comigo.

Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia "a" aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e, oh! Deus, queríamos menos que comê-la. Meu filho foi buscar a vassoura. Eu disse fracamente, confusa, sem saber se chegara infelizmente a hora certa de perder a esperança:

- É que não se mata aranha, me disseram que trás sorte...

- Mas ela vai esmigalhar a esperança! respondeu o menino com ferocidade.

- Preciso falar com a empregada para limpar atrás dos quadros - falei sentindo a frase deslocada e ouvindo o certo cansaço que havia na minha voz. Depois devaneei um pouco de como eu seria sucinta e misteriosa com a empregada: eu lhe diria apenas: você faz o favor de facilitar o caminho da esperança.

O menino, morta a aranha, fez um trocadilho, com o inseto e a nossa esperança. Meu outro filho, que estava vendo televisão, ouviu e riu de prazer. Não havia dúvida: a esperança pousara em casa, alma e corpo.

Mas como é bonito o inseto: mais pousa que vive, é um esqueletinho verde, e tem uma forma tão delicada que isso explica por que eu, que gosto de pegar nas coisas, nunca tentei pegá-la.

Uma vez, aliás, agora é que me lembro, uma esperança bem menor que esta, pousara no meu braço. Não senti nada, de tão leve que era, foi só visualmente que tomei consciência de sua presença. Encabulei com a delicadeza. Eu não mexia o braço e pensei: "e essa agora? que devo fazer?" Em verdade nada fiz. Fiquei extremamente quieta como se uma flor tivesse

nascido em mim. Depois não me lembro mais o que aconteceu. E, acho que não aconteceu nada.

## **ANEXO B– ENTRE A ESPADA E A ROSA, DE MARINA COLASANTI**

Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz "quero"? A hora que o pai escolhe. Isso descobriu a Princesa na tarde em que o Rei mandou chamá-la e, sem rodeios, lhe disse que, tendo decidido fazer aliança com o povo das fronteiras do Norte, prometera dá-la em casamento ao seu chefe. Se era velho e feio, que importância tinha frente aos soldados que traria para o reino, às ovelhas que poria nos pastos e às moedas que despejaria nos cofres? Estivesse pronta, pois breve o noivo viria buscá-la.

De volta ao quarto, a Princesa chorou mais lágrimas do que acreditava ter para chorar. Embotada na cama, aos soluços, implorou ao seu corpo, a sua mente, que lhe fizesse achar uma solução para escapar da decisão do pai. Afinal, esgotada, adormeceu.

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo ficou. E ao acordar de manhã, os olhos ainda ardendo de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Com quanto medo correu ao espelho! Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido.

Passou os dedos lentamente entre os fios sedosos. E já estendia a mão procurando a tesoura, quando afinal compreendeu. Aquela era a sua resposta. Podia vir o noivo buscá-la. Podia vir com seus soldados, suas ovelhas e suas moedas. Mas, quando a visse, não mais a quereria. Nem ele nem qualquer outro escolhido pelo Rei.

Salva a filha, perdia-se, porém, a aliança do pai. Que tomado de horror e fúria diante da jovem barbada, e alegando a vergonha que cairia sobre seu reino diante de tal estranheza, ordenou-lhe abandonar o palácio imediatamente.

A Princesa fez uma trouxa pequena com suas joias, escolheu um vestido de veludo cor de sangue. E, sem despedidas, atravessou a ponte levadiça, passando para o outro lado do fosso. Atrás ficava tudo o que havia sido seu, adiante estava aquilo que não conhecia.

Na primeira aldeia aonde chegou, depois de muito caminhar, ofereceu-se de casa em casa para fazer serviços de mulher. Porém ninguém quis aceitá-la porque, com aquela barba, parecia-lhes evidente que fosse homem.

Na segunda aldeia, esperando ter mais sorte, ofereceu-se para fazer serviços de homem. E novamente ninguém quis aceitá-la porque, com aquele corpo, tinham certeza de que era mulher.

Cansada, mas ainda esperançosa, ao ver de longe as casas da terceira aldeia, a Princesa pediu uma faca emprestada a um pastor, e raspou a barba. Porém, antes mesmo de chegar, a barba havia crescido outra vez, mais cacheada, brilhante e rubra do que antes.

Então, sem mais nada pedir, a Princesa vendeu suas joias para um armeiro, em troca de uma couraça, uma espada e um elmo. E, tirando do dedo o anel que havia sido de sua mãe, vendeu-o para um mercador, em troca de um cavalo.

Agora, debaixo da couraça, ninguém veria seu corpo, debaixo do elmo, ninguém veria sua barba. Montada a cavalo, espada em punho, não seria mais homem, nem mulher. Seria guerreiro.

E guerreiro valente tornou-se, à medida que servia aos Senhores dos castelos e aprendia a manejar as armas. Em breve, não havia quem a superasse nos torneios, nem a vencesse nas batalhas. A fama da sua coragem espalhava-se por toda parte e a precedia. Já ninguém recusava seus serviços. A couraça falava mais que o nome.

Pouco se demorava em cada lugar. Lutava cumprindo seu trato e seu dever, batia-se com lealdade pelo Senhor. Porém suas vitórias atraíam os olhares da corte, e cedo os

murmúrios começavam a percorrer os corredores. Quem era aquele cavaleiro, ousado e gentil, que nunca tirava os trajes de batalha? Por que não participava das festas, nem cantava para as damas? Quando as perguntas se faziam em voz alta, ela sabia que era chegada a hora de partir. E ao amanhecer montava seu cavalo, deixava o castelo, sem romper o mistério com que havia chegado.

Somente sozinha, cavalgando no campo, ousava levantar a viseira para que o vento lhe refrescasse o rosto acariciando os cachos rubros. Mas tornava a baixá-la, tão logo via tremular na distância as bandeiras de algum torreão.

Assim, de castelo em castelo, havia chegado àquele governado por um jovem Rei. E fazia algum tempo que ali estava.

Desde o dia em que a vira, parada diante do grande portão, cabeça erguida, oferecendo sua espada, ele havia demonstrado preferi-la aos outros guerreiros. Era a seu lado que a queria nas batalhas, era ela que chamava para os exércitos na sala de armas, era ela sua companhia preferida, seu melhor conselheiro. Com o tempo, mais de uma vez, um havia salvo a vida do outro. E parecia natural, como o fluir dos dias, que suas vidas transcorressem juntas.

Companheiro nas lutas e nas caçadas, inquietava-se, porém, o Rei vendo que seu amigo mais fiel jamais tirava o elmo. E mais ainda inquietava-se, ao sentir crescer dentro de si um sentimento novo, diferente de todos, devoção mais funda por aquele amigo do que um homem sente por um homem. Pois não podia saber que à noite, trancado o quarto, a princesa encostava seu escudo na parede, vestia o vestido de veludo vermelho, soltava os cabelos, e diante do seu reflexo no metal polido, suspirava longamente pensando nele.

Muitos dias se passaram em que, tentando fugir do que sentia, o Rei evitava vê-la. E outros tantos em que, percebendo que isso não a afastava de sua lembrança, mandava chamá-la, para arrepende-se em seguida e pedia-lhe que se fosse.

Por fim, como nada disso acalmasse seu tormento, ordenou que viesse ter com ele. E, em voz áspera, lhe disse que há muito tempo tolerava ter a seu lado um cavaleiro de rosto sempre encoberto. Mas que não podia mais confiar em alguém que se escondia atrás de ferro. Tirasse o elmo, mostrasse o rosto. Ou teria cinco dias para deixar o castelo.

Sem resposta, ou gesto, a Princesa deixou o salão, refugiando-se no seu quarto. Nunca o Rei poderia amá-la, com sua barba ruiva. Nem mais a quereria como guerreiro, com seu corpo de mulher. Chorou todas as lágrimas que ainda tinha para chorar. Dobrada sobre si mesma, aos soluços, implorou ao seu corpo que lhe desse uma solução. Afinal, esgotada, adormeceu.

E na noite sua mente ordenou, e no escuro seu corpo brotou. E ao acordar de manhã, com os olhos inchados de tanto chorar, a Princesa percebeu que algo estranho se passava. Não ousou levar as mãos ao rosto. Com medo, quanto medo! Aproximou-se do escudo polido, procurou seu reflexo. E com espanto, quanto espanto! Viu que, sim, a barba havia desaparecido. Mas em seu lugar, rubras como os cachos, rosas lhe rodeavam o queixo.

Naquele dia não ousou sair do quarto, para não ser denunciada pelo perfume, tão intenso que ela própria sentia-se embriagar de primavera. E perguntava de que adiantava ter trocado a barba por flores, quando, olhando no escudo com atenção, pareceu-lhe que algumas rosas perdiam o viço vermelho, fazendo-se mais escuras que o vinho. De fato, ao amanhecer, havia pétalas no seu travesseiro.

Uma após a outra, as rosas murcharam, despetalando-se lentamente. Sem que nenhum botão viesse substituir as flores que se iam. Aos poucos, a rósea pele aparecia. Até que não houve mais flor alguma. Só um delicado rosto de mulher.

Era chegado o quinto dia. A Princesa soltou os cabelos, trajou seu vestido cor de sangue. E, arrastando a cauda de veludo, desceu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo.

## ANEXO C– A MENINA E A GRAVATA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Fémina Jasmine desde pequena tinha um encantamento por gravatas. Sim, por gravatas. Seu pai era o maior sofredor com a predileção da menina por essa peça tida como da indumentária masculina. Fémina no colo paterno, ou quando ele se abaixava para pegá-la e levá-la às nuvens, se força maior ela tivesse, o pai seria declarado morto por enforcamento, mas a frágil força infantil livrava o inocente homem do cadafalso. As mãos de Fémina quedavam-se não só pela gravata-borboleta, peça característica do uniforme do pai garçom, mas também pela peça pontiaguda dos doutores, políticos, e outros amantes de uma certa elegância masculina. Fémina, já mocinha, nunca deixara de demonstrar sua audaciosa predileção por esse charmoso detalhe daqueles que se postavam perto dela. E diante da peça pontiaguda dos distraídos homens, espadas penduradas nos peitoris dos cavalheiros, Fémina os agarrava tenazmente, pela sedutora peça do vestuário. Os coitados, entre o espanto e a raiva, chegavam a se desequilibrar diante dela. Mas era quando eles portavam a gravatas-borboletas, que Jasmine fazia o maior estrago. Com elas, Fémina fazia profundos voos. Arrancava a peça de pescoços íntimos e estranhos que por ventura se colocassem na direção de suas mãos. E, em segundos, borboletas pretas e brancas ziguezagueavam nos ares. Mas o desejo maior dela, desde novinha, era o de colher uma gravata-borboleta amarela. Passou assim sua meninice, em constante estado desejante, a juventude e quem sabe a vida inteira também. Gravatas-borboletas só recolheu as pretas e as brancas. Que ela fosse encantada por gravatas, não se tornou uma preocupação para os pais, até o dia em que ela pediu para usá-las. Tinha quatro ou cinco anos talvez. Foi um alvoroço. Deram à menina os mais lindos lencinhos de pescoço. Inventaram nós e mais nós. Fémina insistia e não desatava de seu maior desejo indumentário. Queria uma gravata igual à dos homens, como a de seu pai. Não deram. E ela passou a reclamar de todas as roupas. Dizia que se sentia nua. Aos dez anos, porém, se sentiu vestida quando foi estudar em uma escola militar. Para a alegria dela uma das peças do uniforme era uma gravata preta. A menina se aquietou. E assim foram os seus dias na escola. Fémina se sentia confortável e segura, enquanto as outras meninas odiavam o uniforme. Entendiam a gravata como um sinal de um quase enforcamento no pescoço. Preferiam colares. Fémina não! E foi assim engravatada, que Fémina ao terminar o ensino médio se apaixonou por Túlio Margazão, um dos meninos mais bonitos do colégio. O rapazinho tinha uma elegância ímpar. Em um concurso de beleza, os dois foram distinguidos como o mais belo casal do clube que seus pais frequentavam. A distinção se repetiu quando os dois foram eleitos o casal ébano da histórica associação “Lírio Negro”. E, como era de se esperar, a família os mais íntimos puderam contemplar a beleza de Fémina. Ela se apresentou enfeitada por uma gravata branca, que sobressaía por entre seus longos dreads, espalhados por suas costas e ombros. Entretanto, a imagem mais bonita de Fémina e suas gravatas surgiu no dia de seu casamento. Túlio Margazão seguia de terno branco, da minha cor do vestido da noiva. A alvura do vestido da noiva era enfeitada por aplicações de minúsculas e coloridas gravatas-borboletas. E não teve a tradicional jogada de buquê. Sim, não teve! As moças presentes que tivessem o desejo de encontrar seu par foram convidadas a se aproximarem de Fémina, e cada qual podia arrancar uma borboleta do vestido da noiva. E assim fizeram. Muitas borboletas voaram facilitando o apanho daquelas mais tímidas, que não queriam que as pessoas ali presentes soubessem do desejo delas. Dizem mesmo que nenhuma das mulheres que colheu as gravatas-borboletas de Fémina Jasmine ficou sozinha. Todas encontraram seus pares.